

BANALIDADE DO MAL: O Bode Expiatório e a Violência no Contemporâneo

*Adelino Francisco de Oliveira**

*Doutorando da Universidade de Braga.

Resumo

O presente artigo procura analisar e interpretar a questão da violência, praticada nos grandes centros urbanos, sob o prisma da teoria mimética e da análise do bode expiatório, articuladas por René Girard. É cada vez mais comum, nas periferias de centros urbanos, o assassinato de inocentes, pessoas anônimas, que se tornam vítimas de um processo brutal e crescente, que tende a banalizar a violência. A inoperância do aparato da justiça, ao deixar tais crimes sem solução, acaba por promover e dinamizar um perverso ciclo vicioso, produtor de mais violência; faz brotar do profundo vazio existencial e o sentimento de impunidade. A morte violenta e brutal de um único inocente clama por justiça, grita à vingança de sua causa. Torna-se fundamental investigar tanto as causas originárias da banalização da violência, quanto o significado da violência quando ausente, inexistente qualquer perspectiva de justiça.

Palavras chave: Bode Expiatório, Violência, Inocente, Mimese.

Abstract

'Banality of evil: The scapegoat and violence in contemporary' analyzes and interprets the question of violence, practiced on the large urban centers, from René Girard's point of view scheduled in his mimetic theory and the analysis of the scapegoat. Unfortunately on the outskirts of urban centers, it's *normal* the murder of innocent and anonymous people, that became victims of a brutal and crescent process, that tend to trivialize violence. The ineffectiveness of the apparatus of justice, leaving this without a social e legal solu-

tion, is actually a way that boost of a perverse vicious circle producing more violence, opening a space of a deep existential void and a situation of impunity. The violent and brutal death of a single innocent cries out for justice and for revenge of their cause. It'd important look for both the root-causes of the trivialization of violence, and the absence of meaning of life and of a way for any justice.

Key words: Scapegoat, Violence, Innocent, Mimesis.

INTRODUÇÃO

Em memória de Isaias Mendes Meneses
Vítima inocente, da banalidade do mal.

Que fizeste? Ouço o sangue de teu irmão,
do solo, clamar para mim!
Gn 4,10

Ó terra, não cubras meu sangue, não encontre meu
clamor um lugar de descanso!
Jó 16,18

O tema da banalidade do mal aparece nas análises teóricas e existenciais de Hannah Arendt, ao se debruçar sobre a extrema violência e impiedosa brutalidade praticadas pelo aparato nazista em campos de concentração, no contexto da II Guerra Mundial. Para Arendt, o totalitarismo pode promover e instaurar tanto a banalização do mal – a violência generalizada, a difusão e disseminação do terror –, quanto o mal radical, a face mais perversa, cruel, sádica da violência e do sofrimento.¹

A pensadora perscruta a postura de Adolf Eichmann, graduado membro da SS nazista, quando esteve, em 1961, diante do tribunal em Israel. Acusado de crimes contra a humanidade, Eichmann assume a postura de se defender e justificar suas ações, escondendo-se por trás do cumprimento puro e simples de ordens superiores. Segundo Eichmann, tudo o que fazia era apenas seguir procedimentos burocráticos, submetendo-se às ordens, sem ter responsabilidade sobre elas.

¹ ARENDT, H., *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Tal postura, na análise de Arendt, evidencia a banalidade do mal, a prática do mal e da violência desprovida de qualquer reflexão, sem ponderar consequências.

A violência excessiva, cruel, generalizada que se vive, reina nas periferias dos grandes centros urbanos, sob os auspícios da pobreza, da miséria, da total ausência de possibilidades humanas, nos terríveis domínios do tráfico de drogas, não deixa também de se configurar como expressão da banalidade do mal, espaço e lugar do mal radical.

Milhares de pessoas, jovens principalmente, sofrem os horrores de uma violência banalizada, que não encontra limites, a reinar em um espaço no qual não há lei, nem ordem, nem justiça. Vidas humanas brutalmente ceifadas, abortadas, exterminadas clamam por vingança, justiça, reparação.

É preciso que sejam investigadas as causas mais profundas da violência, sedimentada na fruição do desejo mimético, estimulado, aguçado pela sociedade de consumo e competição. É fundamental também que seja compreendida as consequências de uma violência sem reparação, sem justiça, a compor um quadro de impunidade, perpetuando um ciclo de infernal violência.

O artigo em tela tem em vista interpretar – sob a perspectiva da Teoria da Mimese e da analítica do Bode Expiatório, de René Girard –, o significado da violência sem reparação, sem justiça, sofrida por tantos inocentes anônimos, nas periferias dos grandes centros urbanos. Se o princípio da civilização tem como fundamento a superação da violência generalizada, a violência brutal que se vive hoje pode significar a instauração do caos, da barbárie, a destruição da própria civilização – eis a tese fundamental do presente artigo.

A BANALIZAÇÃO DO MAL: O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A pensadora Hannah Arendt, com o conceito banalidade do mal, traduz e expressa uma situação na qual a crueldade e violência assumem e tomam o cotidiano da existência. A banalidade do mal se torna realidade quando a perversidade passa a se constituir como algo comum e costumeiro, que deixa de causar estranhamento. A violência passa a fazer parte do cotidiano de maneira tão intensa que não produz

espanto algum. O mal se torna banal quando os indivíduos passam a agir sem raciocinar, perdendo o horizonte das conseqüências e do significado das ações de violência extrema.

Neste ponto, a violência talvez tenha se tornado uma das características mais problemáticas das modernas sociedades ocidentais. No contemporâneo, a violência assume os mais diversos rostos e matizes, apresentando-se de formas variadas, disseminando terror e medo como sentimentos e realidades cotidianas. Definitivamente a banalidade do mal se revela no contemporâneo por meio da violência cotidiana.

De maneira mais específica e pontual, pretende-se neste artigo analisar e refletir sobre a brutal violência que se manifesta por meio de homicídios, a ceifar definitivamente a vida, especialmente a dos jovens. A violência banalizada configura-se como o espectro sombrio que ronda e assombra a civilização. Os índices de violência por meio de homicídios dolosos apresentam-se como realidade assustadoramente crescente. Dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que no Brasil, em 17 anos, os homicídios cresceram 41,1%:

As taxas de mortalidade por homicídio cresceram entre 2007 e 2009 e acumulam aumento de 41,1% desde 1992. As mortes por assassinatos passaram de 19,2% por cem mil habitantes em 1992 para 27,1% por cem mil habitantes em 2009.²

² Último Segundo. <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-06-18/taxa-de-homicidio-cresce-411-em-17-anos-diz-ibge.htm>. Acesso em 03/11/2012, às 11h40min.

Os dados são aterradores. O número expressivamente elevado de homicídios evidencia a dinâmica de uma cultura rendida à violência. É a banalidade do mal que se revela em um cotidiano demarcado por uma violência brutal, a alcançar, por meio de assassinatos milhares de pessoas. Os dados específicos sobre São Paulo demonstram que:

Em 1998, foram registrados no Estado de São Paulo, 11.752 óbitos por homicídio doloso; 5.445 homicídios culposos por acidente de trânsito e outros; 545 latrocínios, ou seja, roubos seguidos de morte; 1.838 suicídios; 26.727 mortes suspeitas e 21.714 desaparecimentos de pessoas. No mesmo ano, ocorreram 812 mortes em ações da polícia. Deixando de considerar os desaparecidos e aceitando que cada registro poli-

cial corresponda a um único óbito, temos em torno de 47.119 óbitos por causas externas, ou seja, um número quatro vezes maior que os homicídios registrados. No Estado de São Paulo, em 1999, ocorreram 12.818 homicídios, sendo 5.096 considerados dolosos. Em 2001, foram 12.475 e 4.895. Na cidade de São Paulo, em 1999, ocorreram 6.356 homicídios, dos quais 5.418 classificados como sendo dolosos; em 2001, foram 6.112 e 5.174, respectivamente. É bom lembrar, adicionalmente, que muitos registros de ocorrência envolvem mais de uma vítima fatal e não se sabe ao certo se os homicídios múltiplos estão sendo contados pelas nossas autoridades.³

A vulnerabilidade social acaba por atingir com mais incidência a camada da população mais pobre, que habita os centros urbanos. O desenvolvimento econômico, a sofisticação tecnológica, a moderna sociedade de produção e consumo não têm se revelado capazes de superar o fosso social que ainda insiste em demarcar diferenças de classes no contemporâneo. Neste ponto, a banalidade da violência alcança os mais pobres, que se encontram em situação vulnerável, sem mecanismos de proteção:

Todos os dados parecem mostrar que as taxas de homicídio altas correspondem às capitais e às regiões metropolitanas que apresentam urbanização acelerada, alta concentração de moradores nos bairros periféricos, com desigualdade social acentuada e má distribuição de renda. Esses bairros sofrem problemas crônicos de ausência de serviços públicos, sobretudo, falta de acesso à justiça, o que permite a criação de subculturas em que a solução de conflitos é profundamente privatizada e as relações de apoio mútuo, as associações comunitárias e a igreja perderam espaço importante para organizações corrosivas, atreladas à criminalidade organizada e ao tráfico de drogas.⁴

A ausência de estruturas básicas, compondo um quadro de precariedade, acentuada pobreza e evidente exclusão social, define-se como o pano de fundo de uma violência endêmica, a atingir, sobretudo, os mais pobres. A miséria material, a priva-

³ Observatório de Segurança Pública. <http://www.observatoriodeseguranca.org/dados/dados/agregadas>. Acesso em 03/11/2012, às 10h20min.

⁴ Observatório de Segurança Pública. <http://www.observatoriodeseguranca.org/dados/dados>. Acesso em 03/11/2012, às 11h20min.

ção de condições objetivas lança o indivíduo em uma existência sem possibilidades, sem sonhos. Neste ponto, o portal do Observatório de Segurança Pública, da UNESP, informa que:

A violência letal é um fenômeno nacional, mas os homicídios são efeitos do processo de crescimento populacional das grandes cidades brasileiras e da estagnação econômica persistente, que cria um quadro de exclusão social, de queda de expectativas, de baixa inserção no mercado formal de trabalho, sobretudo para os jovens. Em outros termos, ao mesmo tempo em que rejeitamos a análise fácil de que a pobreza é uma causa da criminalidade, precisamos lembrar que os moradores das regiões mais pobres das principais capitais brasileiras estão mais vulneráveis à presença do crime organizado.⁵

⁵ Observatório de Segurança Pública. <http://www.observatoriodeseguranca.org/dados/dados>. Acesso em 03/11/2012, às 11h20min.

A dramaticidade do perverso quadro de violência torna-se mais acentuada e aguda em relação aos jovens, principais vítimas de uma violência brutal e banal. Na categoria de jovens destacam-se ainda como vítimas os de sexo masculino. Uma violência descomunal que atinge principalmente meninos, rapazes e homens. Os dados informam que:

Em relação aos jovens, pode-se afirmar, que para eles não existe uma capital brasileira que seja segura. Entre os jovens, o risco aumenta consideravelmente, atingindo índices absolutamente inaceitáveis que beiram o massacre implacável de jovens, em Recife (255,7), Vitória (201), Porto Velho (125,8), Macapá (100), Rio de Janeiro (141,1), São Paulo (122,3) e Cuiabá (135,4). Vinte e duas capitais apresentam taxas acima, bem acima, de 30 homicídios por cem mil habitantes. Uma única capital apresenta taxa abaixo de 20 por cem mil, no caso Palmas (18,8), no Tocantins. Os homens, com idades que variam dos 15 aos 34 anos, são as maiores vítimas da violência, sendo que a situação se agravou em entre 1980 e 1998. A letalidade feminina, na mesma faixa etária, conheceu uma estabilidade impressionante, se comparada com os dados apresentados para os homens. Os dados mostram a consistência do elevado risco a que estão submetidos os jovens e dados mais desagregados apontam para a vitimização ainda maior dos jovens moradores nas periferias das grandes cidades brasileiras.⁶

⁶ Observatório de Segurança Pública. <http://www.observatoriodeseguranca.org/dados/dados>. Acesso em 03/11/2012, às 11h20min.

A violência, em forma de cruéis e perversos assassinatos, que atinge, sobretudo, os jovens que vivem nas periferias dos grandes centros urbanos, configura-se como uma flagrante violação dos direitos humanos. Em trinta anos, de 1980 a 2010, a taxa de homicídio de crianças, adolescentes e jovens cresceu inacreditáveis 346%. O ano de 2010 macabramente registra o índice de 24 crianças assassinadas por dia. Constata-se uma perversa evolução na década 2000/2010 nas taxas de homicídio de crianças e adolescentes, passando de 8.132 – taxa de 11,9 em 2000 – para 8.686 – taxa de 13,8 assassinatos para cada 100 mil crianças e adolescentes do país em 2010.⁷

Os homicídios em geral, e os de crianças, adolescentes e jovens em particular, tem se convertido no calcanhar de Aquiles dos direitos humanos no país, por sua pesada incidência nos setores considerados vulneráveis, ou de proteção específica: crianças, adolescentes, jovens, idosos, mulheres, negros, etc. Essa grande vulnerabilidade se verifica, no caso das crianças e adolescentes, não só pelo preocupante 4º lugar que o país ostenta no contexto de 99 países do mundo, mas também pelo vertiginoso crescimento desses índices nas últimas décadas. As taxas cresceram 346% entre 1980 e 2010, como detalhado no capítulo 2, vitimando 176.044 crianças e adolescentes nos trinta anos entre 1981 e 2010. Só em 2010 foram 8.686 crianças assassinadas: 24 cada dia desse ano.⁸

Há um ponto profundamente agravante em todo este estado de violência generalizada, a compor e evidenciar a vitória da barbárie sobre o princípio da civilização: a ausência de justiça, configurada na impunidade dos atores da violência. Neste contexto, os dados revelam um número surpreendente de ocorrências de homicídio sem solução, milhares de inquéritos policiais abertos e arquivados sem alcançarem êxito condenatório.

O Brasil tem 151.819 inquéritos sobre homicídios ainda sem solução, conforme levantamento divulgado nesta segunda-feira pelo Conselho Nacional do Ministério Público. Os dados são referentes aos procedimentos instaurados até 31 de dezembro de 2007. Os dados são do *inqueritômetro*, um sistema que será atualizado mensalmente e permitirá a impressão dos gráficos e comparação de homicídios entre os estados. O levantamento revela que o Rio de Janeiro tem

⁷ Cf. Julio Jacobo WASELFISZ, *Mapa da Violência 2012. Crianças e adolescentes do Brasil*. [http://
www.mapadaviolen-
cia.org.br/pdf2012/
MapaViolencia2012_
Crianças_e_Adoles-
centes.pdf](http://www.mapadaviolen-
cia.org.br/pdf2012/
MapaViolencia2012_
Crianças_e_Adoles-
centes.pdf). Acesso em 10/11/2012, às 20h.

⁸ Idem.

60.000 inquéritos sem conclusão, seguido de Minas Gerais, com 20.000 inquéritos, e Espírito Santo, com 13.610. Segundo a Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública (Enasp), a meta é concluir este ano todos os inquéritos sobre homicídios instaurados até 2007. Os inquéritos podem ser concluídos com oferecimento de denúncia ou arquivamento.⁹

⁹ Veja. <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/pais-tem-150-mil-inqueritos-de-homicidios-sem-solucao>. Acesso em 03/11/2012, às 14h.

A impunidade, a ausência de justiça, descortina-se como uma perversa característica, a agravar ainda mais o quadro de violência generalizada. Cada homicídio que não alcança solução, possibilitando que assassinos prossigam livres, impunes, pode gerar um sentimento de onipotência, de que não existem consequências. A ação sem reação, a violência sem justiça, conduz à banalização do mal.

O DESEJO MIMÉTICO E O BODE EXPIATÓRIO

A problemática da violência – suas causas, fundamentos, consequências e significados – é investigado pelo pensador René Girard. Em suas obras, Girard analisa e elucida como se deu o processo de passagem de um estado no qual vigorava uma violência indiferenciada, geradora de caos e destruição sociais, para uma violência direcionada e controlada, produtora de ordem e coesão sociais. A partir da análise da temática do desejo mimético, Girard avança na direção de construir uma compreensão densa e ampla sobre a violência e seu significado.

Para Girard, a violência tem como fonte o desejo mimético. É a mimese que desencadeia o ciclo infernal de violência. Neste ponto, a violência encontra suas raízes mais profundas em uma dimensão antropológica. É a intensidade do próprio desejo mimético que produz e gera violência. Uma violência tão generalizada e indiferenciada que coloca em risco a existência do próprio grupo social. O desejo mimético movimenta a bestial violência de todos contra todos, gerando um processo de aniquilamento mútuo. Neste ponto, Girard elucida que:

Num universo de desejo mimético, todos os indivíduos tendem a se expulsarem uns aos outros – portanto, a si mesmos – para diferentes tipos de deserto. Se observarmos esse parentesco secreto entre as situações individuais, essa alienação idêntica em todos e que isola todos de todos, compreenderemos sem dificuldade que o

*apetite por violência cresce e pode finalmente se saciar no momento em que a tendência global à uniformidade favorece as substituições e as polarizações miméticas sobre uma vítima qualquer, uma vítima mais exposta, por estar em maior evidência, uma vítima predestinada, de algum modo, por sua posição excepcional na comunidade...*¹⁰

No entanto, o grupo social acaba por identificar um culpado pelo caos e violência indiferenciada – o bode expiatório. Condenado e execrado pelo grupo, o bode expiatório passa a ser responsabilizado por todas as mazelas do tecido social. Toda fúria violenta e aniquiladora do grupo volta-se a este culpado, que passa a ser o único responsável pela desagregação e destruição da coesão social. René Girard analisa que:

*Uma vez que a violência tenha penetrado na comunidade, ela não cessa de se propagar e exacerbar. É difícil imaginar como essa cadeia de represálias poderia ser rompida antes do aniquilamento puro e simples da comunidade. Se as crises sacrificiais existem realmente, devem comportar um freio: é preciso que um mecanismo auto-regulador intervenha antes que tudo seja consumado. Na conclusão da crise sacrificial, é a possibilidade das sociedades humanas que estão em jogo.*¹¹

A violência indiferenciada, expressão de caos e de anomia social, encontra no processo vitimário desencadeado contra o bode expiatório, uma saída e solução, na medida em que toda dinâmica de violência passa a ser canalizada e dirigida ao bode expiatório, concebido como o único responsável pela desagregação social. No processo vitimário, o bode expiatório deve assumir e reconhecer-se como o culpado pela violência desagregadora, que em última instância poderá produzir, como consequência trágica, a destruição de todo o grupo social.

Na análise de Girard, o mecanismo sacrificial, ao canalizar toda violência grupal ao bode expiatório, tem a força de instaurar a paz e restaurar a unidade do grupo social. O bode expiatório assume a condição de vítima exemplar, a ser sacrificada em prol da paz e unidade do grupo. O sacrifício do

¹⁰ Cf. R. GIRARD. *A Rota Antiga dos Homens Perversos*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 76.

¹¹ Cf. R. GIRARD, *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1990, p. 89.

bode expiatório representa o ápice do mecanismo sacrificial. Em primeiro momento o bode expiatório é responsabilizado pela violência e caos generalizado. Após o processo vitimário e a dinâmica do mecanismo sacrificial, o bode expiatório *passa a contemplar a representação de salvador do grupo social*. Ao sacrificar o bode expiatório o grupo social é tomado pelo sentimento de paz e harmonia.

Após toda vivência do processo vitimário e do mecanismo sacrificial, o grupo logo identifica e atribui ao bode expiatório o mérito de ter promovido e reestabelecido a paz e a coesão. Neste ponto, o grupo passaria a adorar o próprio bode expiatório, identificado como o salvador da ordem social. Para Girard, este complexo processo é que faz nascer à percepção do sagrado. É o sagrado violento que emerge do mecanismo sacrificial. Sobre este ponto Girard explicita que:

O sagrado é tudo o que domina o homem, e com tanta mais certeza quanto mais o homem considere-se capaz de dominá-lo. Inclui portanto, entre outras coisas, embora secundariamente, as tempestades, os incêndios das florestas e as epidemias que aniquilam uma população. Mas é também, e principalmente, ainda que de forma mais oculta, a violência dos próprios homens, a violência vista como exterior ao homem e confundida, desde então, com todas as forças que pesam de fora sobre ele. É a violência que constitui o verdadeiro coração e a alma secreta do sagrado.¹²

¹² Idem, pp. 45-46.

O mimetismo compõe-se como experiência remota e original, situando-se na primitividade histórica e cultural do grupo social. A experiência mimética original será amplamente retratada e registrada no repertório mitológico – a rota antiga dos homens perversos. Por meio da narrativa mítica, o desejo mimético e todo o mecanismo sacrificial alcançará representação. Com a função de perpetuar e mesmo atualizar o mito, o ritual ocupará um lugar central na contenção da mimese e no ordenamento social. Neste ponto, o rito ultrapassa a mera encenação, alcançando um significado profundo e real para a comunidade que o vive. Analisando a função social do rito Girard considera que:

O rito é certamente violento, mas ele é sempre uma violência menor, que funciona como uma barreira contra uma violência pior; ele sempre busca renovar a maior paz que a comunidade já conheceu, aquela que, após

*o assassinato, resulta da unanimidade em torno da vítima expiatória. Dissipar os miasmas maléficos que sempre se acumulam na comunidade e buscar o frescor das origens significa exatamente a mesma coisa. Quer a ordem reine, quer já esteja perturbada, é sempre ao mesmo modelo que se deve recorrer, é sempre o mesmo esquema que deve ser repetido: o de qualquer crise vitoriosamente ultrapassada, a violência unânime contra a vítima expiatória.*¹³

¹³ Idem, pp. 133-134.

Para Girard, a mimese situa-se na base originária e remota da civilização. A suplantação do ciclo de violência, por meio do desvelamento da lógica do desejo mimético, compõe-se como a condição fundamental à civilização. O processo vitimário e o mecanismo sacrificial constituem-se como essenciais para o apaziguamento social. Neste ponto, cabe ao mito a função de relatar a perigosa experiência da mimese e compete ao ritual rememorar tal experiência, perpetuando no tempo o sacrifício do bode expiatório, a contemplar uma dimensão redentora e salvadora.

Girard analisa que tanto nos relatos bíblicos veterotestamentários quanto na tradição dos Evangelhos, no contexto neotestamentário, o processo vitimário e o mecanismo sacrificial são desmascarados como fraudulentos, na medida em que o bode expiatório desvela-se. Sendo o bode expiatório inocente o derramamento de seu sangue não produzirá justiça. Ao contrário, a morte do inocente é sinal de ignomínia e injustiça.

Neste sentido, René Girard analisa e interpreta a trajetória do personagem bíblico Jó,¹⁴ narrada no livro bíblico de Jó. Para Girard, na história de Jó encontramos a descrição e denúncia do processo vitimário – a identificação do bode expiatório – e do mecanismo sacrificial. Neste ponto, Jó prefigura e anuncia o próprio Jesus Cristo, desconstruindo o sagrado violento.¹⁵ O desmascaramento total do processo vitimário e do mecanismo sacrificial acontece plenamente nas narrativas evangélicas sobre Jesus. Neste ponto, Girard elucida que:

¹⁴ GIRARD, R., *A Rota Antiga dos Homens Perversos*, op. Cit.

¹⁵ Idem, p. 185.

...O texto da Paixão, Jesus Cristo – eis o que nos permite compreender Jó, porque Cristo conclui o que Jó só consegue pela metade, e isso, paradoxalmente, é seu próprio desastre no âmbito do mundo, essa Paixão cujo relato logo se inscreverá no texto dos Evangelhos.

Para que o verdadeiro alcance dos diálogos apareça, em suma, é preciso fazer o que os Evangelhos recomendam: prestar atenção à vítima, ir em seu socorro, levar em conta o que ela diz. A exemplo do texto evangélico, é preciso fazer das lamentações de Jó o ponto de apoio de toda a interpretação e então, logo se compreende por que Jó fala do modo como fala; percebe-se seu papel de bode expiatório, o duplo fenômeno de multidão, o mito dos exércitos celestes, a verdadeira natureza do mecanismo social e religioso que se apressa para devorar mais uma vítima. Percebe-se que tudo se desenrola e se organiza com um rigor extraordinário.¹⁶

¹⁶ Idem, p. 185.

Neste sentido, o rico e belo relato dos evangelhos – fonte e inspiração da civilização ocidental –, ao narrarem os eventos que compõem os passos da paixão de Jesus Cristo, apresentam um denso e significativo quadro de suplantação da lógica mimética. Ao entregar-se livremente para o holocausto – sem, contudo, ter cometido pecado algum –, Jesus Cristo faz de sua vida *dom*, fundando uma nova dinâmica a pautar os relacionamentos. O amor ao próximo e a existência de serviço na gratuidade rompem, definitivamente, com todo desejo mimético. A ética do amor e a vida de serviço configuram-se como referências imperativas, absolutas e universais, a definirem o tom das relações. Fincam-se as sólidas e profundas bases da civilização.

A experiência da paixão de Jesus Cristo contempla, sobretudo, a perspectiva da ressurreição, a apontar a transcendência como destino último do humano. Neste ponto, abre-se um novo e amplo direcionamento para a existência: a vida não se esgota na materialidade. A ressurreição de Jesus Cristo alcança duas dimensões fundamentais. Primeiro, a compreensão da fé, evidenciando a certeza de que a vida transcende a morte. Depois, em sentido mais metafórico, os processos cotidianos de ressurreição, inerentes à própria existência: a virtude do perdão, a ausência de ressentimentos, a abertura para a mudança de mentalidade (*metanóia*), a esperança no humano etc. A ressurreição, em seu sentido mais pleno, promove o resgate definitivo do humano, suplantando toda situação de violência e morte.

Neste ponto, a vivência de experiências pascais pode alcançar e assumir uma representação fundamental, na medida em que liberta e salva a humanidade do caos generalizado, desdobramento da livre fruição do desejo mimético. A pai-

xão de Jesus remete a profundas e intensas experiências integradoras. No lugar da competição e da violência contra o outro – agora compreendido como próximo – toma espaço e representação a dinâmica da solidariedade e do amor incondicional. Toda lógica do desejo mimético encontra superação na vivência cotidiana da elevada ética do amor, explicitada, de maneira incontestada, nos eventos que envolvem a paixão de Cristo.

A VÍTIMA INOCENTE CLAMA À VINGANÇA DE SUA CAUSA

A banalidade do mal revela uma de suas faces no contemporâneo por meio do assassinato de milhares de indivíduos, vítimas inocentes que se encontram a mercê de uma violência arbitrária, brutal, perversa, cruel e cotidiana, a ceifar tantas vidas, na fruição do desejo mimético, nas periferias de grandes centros urbanos.

A vítima inocente clama pela vingança de sua causa. O homicídio praticado contra inocentes, milhares de indivíduos anônimos – só no Brasil os índices revelam que são 150 mil homicídios sem solução – exige reparação, justiça. O que está em jogo, em questão é a manutenção e perpetuação da própria civilização. O assassinato de um único inocente que não alcance justiça, que não contemple uma reparação mínima pode significar a emergência do caos, o esfacelamento social, a deteriorização de toda ordem, a instauração da barbárie. Girard analisa que:

Uma sociedade primitiva, uma sociedade sem sistema judiciário, está, como já dissemos, exposta à escalada da vingança, a um puro e simples aniquilamento, que denominaremos, a partir daqui, violência essencial. Ela é obrigada a adotar contra essa violência algumas atitudes que nos parecem incompreensíveis. Essa nossa incompreensão deve-se sempre a duas razões: a primeira é que não sabemos realmente nada sobre a violência essencial, nem mesmo que ela existe; a segunda é que os próprios povos primitivos só conhecem esta violência sob uma forma quase inteiramente desumanizada, ou seja, sob as aparências parcialmente enganosas do sagrado.¹⁷

¹⁷ Idem, p. 44.

Contra a violência essencial, o reino da fruição do desejo mimético, as sociedades primitivas desencadearam o processo vitimário e o mecanismo sacrificial. O sacrifício do bode expiatório consiste em um mecanismo de contenção e canalização de toda violência. A violência praticada contra o bode expiatório compõe-se como uma violência justificada, na medida em que o bode expiatório é identificado como o causador de toda desagregação social. Não é uma violência banal e fortuita, e sim intencional, direcionada e carregada de sentido. A própria ritualização da violência sacrificial possibilita seu controle e representação significativa para o grupo. Neste ponto, Girard enfatiza que:

Consideradas em conjunto, as precauções rituais dirigidas contra a violência, por mais absurdas que por vezes pareçam, não são em absoluto ilusórias. Foi isso, em suma, que já constatamos a respeito do sacrifício. Ao impedir a propagação desordenada da violência, a catarse sacrificial está na realidade evitando uma espécie de contágio.¹⁸

¹⁸ Ibidem.

A questão fundamental consiste em compreender as consequências da propagação de uma violência sem contexto nem significado, uma violência banal, praticada contra indivíduos inocentes, vítimas anônimas oriundas em sua maioria de periferias. É preciso também compreender as consequências civilizacionais de crimes sem castigo, sem justiça. Não há processo vitimário, nem mecanismo sacrificial, apenas o indivíduo – notoriamente inocente – que é violentamente e sumariamente assassinado.

O esvaziamento e a ausência de experiências rituais, capazes de atualizar os mitos fundantes – narrativas remotas de suplantação do desejo mimético por meio do processo vitimário e do mecanismo sacrificial –, talvez se constitua como a causa da banalização da violência. Os ritos, por não serem vividos em intensidade e de maneira profunda, já não se revelam nem se demonstram eficientes no processo de contenção e sublimação do desejo mimético. A dinâmica de secularização e extrema valorização de aspectos materiais acabaram por lançar o humano a uma compreensão meramente objetiva da existência, esvaziada da dimensão e representação simbólica. Como consequência do esvaziamento e

anulação do aspecto ritual, emerge livre e desmedidamente no ser humano o que há de mais profundo e primitivo: o desejo mimético.

Descortina-se o dramático escopo de uma crise civilizacional, que tem como base o fortalecimento do desejo mimético. Revelando-se como impulso violento, o desejo mimético busca, em última instância, a anulação e até mesmo a aniquilação do outro, considerado sempre como um rival, um competidor. Desencadeando um forte sentimento de inveja, a mimese conduz a um processo de intensa competição generalizada: o outro passa a assumir a representação de um autêntico inimigo. O desejo mimético configura-se no anseio – quase que a obsessão – de ter e ser o que o outro possui e é. Tal desejo imitativo é também apropriativo: o sujeito desejanter enxerga no outro o sentido e a plenitude que não encontra em sua própria existência; vindo a buscar, dessa forma, apropriar-se da vida desse outro. Da dinâmica da mimese, emerge e sobressai o caos, a violência, a barbárie, a ruptura total com os princípios civilizacionais.

O mecanismo do desejo mimético pode desvelar-se como chave psicológica para compreender o dinamismo dos sentimentos e das relações no contemporâneo. A lógica mimética pode lançar o ser humano em um ciclo infernal, no qual o desejo somente alcança uma satisfação momentânea, nunca sendo completamente saciado. Claramente, na medida em que se realiza a apropriação e a identificação com o outro (objeto desejado), o mimetismo desencadeia um novo desejo, perpetuando o constante sentimento de falta e de vazio. No entanto, a falta e o vazio existencial – expressões do caos e da desordem interiores – delineiam-se como ausência de si mesmo, como profunda carência de humanidade. Interessa-nos esta carência existencial, que acaba por remeter o mundo contemporâneo para uma dimensão niilista, alicerçada, de maneira mais específica, nos sentimentos de vazio, angústia, náusea e tédio que parecem compor, em definitivo, o conturbado cotidiano.

A lógica do consumo e a noção de que a vida deve ser sempre fruição talvez reforce e possibilite aflorar forças primitivas de competição e violência, a conduzirem a dinâmica social para uma situação de caos e desarticulação. Em decorrência de um individualismo exacerbado, pautado na noção

de exclusividade – cada indivíduo deve sentir-se como uma personalidade na eminência de alcançar o sucesso, mesmo que efêmero –, perdem-se os vínculos sociais e comunitários. Toda proposição de solidariedade e fraternidade tende a dissolver-se diante de um mundo centrado na visão de que acima de tudo se encontra a realização individual, a felicidade imediata, sem nenhuma relação com o bem coletivo. A exaltação de uma existência de consumo e conforto como meio, via para se alcançar a felicidade produz um efeito, um impacto perturbador em realidades marcadas, sobretudo, por miséria, por carências de condições objetivas, pela lacuna de perspectivas existenciais.¹⁹

¹⁹ Cf. J. BAU-DRILLARD, *A Transparência do Mal: Ensaio sobre os fenômenos extremos*. Campinas: Papirus, 2010; G. LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

A livre fruição do desejo mimético talvez se configure como a causa mais profunda da banalização da violência no contemporâneo. No entanto, a ausência de justiça, a clara perspectiva da impunidade também deve ser considerada como elemento originário e perpetuador de mais violência.

Não obstante, o ciclo infernal de violência, próprio das periferias dos grandes centros urbanos, não decorre da dinâmica da vingança – reação comum nas sociedades primitivas, antecedendo a instauração de um aparato oficial de justiça. Ora, não sendo a vingança a assumir a lacuna deixada pela ausência de justiça, torna-se preciso buscar outras fontes de propagação de violência em sua forma mais brutal e bestial, que é o homicídio de milhares de inocentes, especialmente os jovens pobres e negros, que se encontram desprotegidos, em situação de fragilidade social.

A banalização da violência emerge como desdobramento da própria ausência de justiça. A impunidade, a total falta de consequência, a certeza da não punição desvela-se como responsáveis por fazer girar o ciclo bestial de violência. O homicida, ao sair impune e ileso após desferir – de maneira covarde, perversa e cruel – o golpe brutal e fatal, normalmente por meio de arma de fogo, sobre o outro indivíduo, privando-lhe do direito à vida, não experimenta as consequências de seus atos, tornando-se pronto, apto e disposto a novas ações brutais e violentas, ceifadoras de vidas inocentes.

É preciso considerar também, como causa da banalização da violência, a lacuna deixada pelo abandono, negação dos princípios do cristianismo, a denunciar a violência contra

o inocente. A ética cristã, alicerçada no princípio do amor incondicional, sustenta a dinâmica do perdão, suplantando toda forma de violência. Ao esquecer e se afastar do legado, das perspectivas da elevada ética cristã, a sociedade contemporânea submerge na mais terrível violência, abraçando o caos e a barbárie.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A banalização da violência coloca em questão a sobrevivência da própria civilização. Quando os aparatos de justiça se revelam inoperantes e ineficientes, não produzindo de fato justiça, a civilização sede lugar à barbárie. O processo de violência, por meio de milhares de homicídios praticados impunemente, dinamiza e propaga mais violência, levando a um ciclo infernal e autodestruidor.

A justiça revela-se como condição imprescindível para a paz. O pensador René Girard demonstra que na base da civilização repousa a contenção e direcionamento do desejo mimético, por meio tanto do processo vitimário quanto do mecanismo sacrificial. No processo contra o bode expiatório e em seu sacrifício, o grupo social contemplava a paz, na medida em que a justiça era alcançada.

As sociedades modernas, com seus aparatos de justiça, buscam imprimir uma outra dinâmica, não mais produzindo bodes expiatórios, mas conduzindo a julgamento e punindo reais culpados por desencadear forças violentas, desagregadores e destruidoras do tecido social. Com o advento da justiça não há mais espaço para a vingança, nem para a banalização da violência, a se propagar sem consequências. O aparato judicial torna-se o mecanismo para se instaurar a justiça, suplantando a lógica da violência indiferenciada e generalizada.

O assassinato incólume de indivíduos – milhares de jovens pobres, que vivem em condições subalternizadas nas periferias de grandes centros urbanos – clama por justiça, exige reparação. A violência gera, produz um duplo mal, tanto para as vítimas quanto para o agressor. Depreende-se que o agente da violência tem as possibilidades de sua humanidade suprimidas; a demência toma corpo, o benefício de discernir ausenta-se; o ser humano encontra-se em risco, quando exposto a toda má sorte e barbárie. É preciso também que

se resgate a dignidade dos agressores, afastados, privados da condição de humanidade. Apenas mediante o resgate da elevada ética do amor, fazendo emergir uma nova humanidade, a romper com a dinâmica do desejo mimético, e a instauração da plena justiça abrirá perspectivas capazes de conter, suplantando a livre fruição da mimese, a conduzir à ruína da civilização.